

APRESENTAÇÃO

IMAGINÁRIOS RACIAIS NA AMÉRICA
LATINA: LITERATURA E CULTURA

Aline Coelho da Silva
Uruguay Cortazzo
(Organizadores)

Com este número da *Cadernos de Letras - Imaginários raciais na América Latina: Literatura e cultura* – buscamos promover o debate e a pesquisa das relações entre literatura e *ideais raciais*. Ou seja, nos questionamos sobre a incidência das construções teóricas sobre *raça*, no âmbito científico e no âmbito do imaginário, nas relações estéticas latino-americanas. Esta perspectiva, praticamente ausente na teoria e na crítica de nossos países, veio à tona de forma surpreendente com a polêmica crítica em torno à obra de Monteiro Lobato, em 2010. O debate em torno do racismo impresso em um escritor canônico da literatura brasileira, o chamado pai de nossa literatura infantil, resultou em uma intensa e por vezes incômoda discussão na qual se envolveram não só críticos literários, mas acadêmicos de modo geral, instituições, políticos, artistas e leitores comuns. Seu resultado revelou a emergência de uma nova forma de ler os textos literários e que já poderíamos denominar desde agora como *leitura racial*. Este fato parece indicar o surgimento de novos leitores que são afetados pelo tema e que passam a interferir no *status quo* literário nacional. Por outro lado, também se pode constatar uma forte resistência em se pensar o tema, o que permite vislumbrar as estratégias de leitura nacionalistas e historicistas, orientadas a justificar, minimizar ou ainda dissimular as articulações entre racismo e literatura.

O tema do racismo literário, no entanto, não parece ser pontual tampouco localizado em determinados autores. Desde que os povos ibéricos chegaram à América se fez presente a questão do *outro* de um modo muito mais radical do que os que haviam feito com os mulçumanos ou judeus, por exemplo. A invenção do *índio* e, mais tarde, a do *negro*,

revelam um excepcional esforço intelectual para entender a esses seres e justificar sua posição social. Teologia, filosofia, direito, ciência e também a literatura colaboraram, e seguem colaborando, para tal, não sem contradições, ambiguidades e enfrentamentos. As ideias sobre índios, negros, *crioulos*, mestiços e imigrantes permeiam boa parte de nosso imaginário cultural, seja pelo encontro inicial dos povos culturalmente diferentes, seja pela construção de uma identidade nacional que se pretende descolonizadora e, finalmente, pelas utopias que se engendram sobre o futuro racial do continente.

Neste número, apresentamos sete artigos que buscam dar conta dos diversos locais e discursos que envolvem pensar ideias raciais na literatura latino-americana. Em “A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do caso “Caçadas de Pedrinho”, Antonio Gomes da Costa Neto trata da problemática da etnicidade no Brasil como construção de um significado semântico a partir da identidade, diferença, raça, etnia e das políticas-públicas no intento de um antirracismo.

Já em “Pensamiento racial y racismo en México” a professora Beatriz Urias Horcasitas discute ações concretas das teses sócio-culturais nos intentos governamentais pós-revolucionários de uma “engenharia social” no México das décadas de 1920 a 1950. Felipe Lima da Silva discorre o discurso de Vieira em “A doutrina do Império da Eloquência: Antônio Vieira e os escravos etíopes” como instrumento de consolação a seu auditório, formado por escravos negros.

Lizandro Calegari, em sua análise dos “cadernos negros” reivindica um lugar discursivo a ser construído pelos poetas negros, como fomento de sua arte e manutenção de seu enunciado. “Negros em poemas: vozes, ritmos e dramas” trata do volume publicado em 1998 pela editora Quilombhoje.

O discurso intelectual da década de 1940 é analisado por Sarah Calvi Amaral Silva em “Da civilização dos pampas à raça de gigantes: relações raciais e regionalismos na construção do gaúcho e do bandeirante na historiografia brasileira dos anos 1940” através de duas falas exemplares sobre os negros africanos no Brasil, em um congresso de história e geografia naquele período. A reflexão sobre questão do índio na literatura peruana é o objeto de Tito Eugênio Santos Souza em “Manuel González Prada e o surgimento de uma nova consciência do Peru”, em um manifesto lúcido sobre o domínio da elite branca e os males consequentes ao “verdadeiro” peruano.

Fechando este Caderno de Letras, o professor Uruguay Cortazzo monta um panorama sobre literatura e racismo na América Latina, discorre sobre as teorias críticas de um ideário racial no continente e propõe que para a compreensão de nossa literatura é imprescindível a categoria racial.

Entendemos que observar a literatura a partir dessas perspectivas pode ampliar o conhecimento do fenômeno estético em contextos pluriculturais hierarquizados, desmistificar o conceito das “bondades” literárias, assim como colaborar com o desvelar de vínculos surpreendentemente descuidados ou silenciados pela teoria e crítica literárias.

Desejamos uma boa leitura a todos.